O DIÁRIO DE ANNE FRANK

VERSÃO DEFINITIVA

tradução de
Elsa T.S. Vieira

LIVROS DO BRASIL

12 de junho de 1942

Espero poder confiar-te tudo, como nunca pude confiar em ninguém, e espero que venhas a ser uma grande fonte de conforto e apoio.

COMENTÁRIO ACRESCENTADO POR ANNE EM 28 DE SETEMBRO DE 1942:

Até agora tens verdadeiramente sido uma grande fonte de conforto para mim, assim como Kitty, a quem escrevo agora regularmente. Esta forma de manter um diário é muito melhor, e mal posso esperar pelos momentos em que te posso escrever.

Oh, estou tão contente por te ter trazido!

DOMINGO, 14 DE JUNHO DE 1942

Vou começar pelo momento em que te recebi, o momento em que te vi sobre a mesa, entre os meus outros presentes de aniversário (também estava lá quando foste comprado, mas isso não conta).

Na sexta-feira, 12 de junho, acordei às seis horas, o que não é de espantar, pois era o meu aniversário. Mas não tenho autorização para me levantar a essa hora, portanto tive de controlar a minha curiosidade até às sete menos um quarto. Quando já não conseguia esperar mais, fui à sala de jantar onde *Moortje* (o gato) me deu as boas-vindas esfregando-se contra as minhas pernas.

Um pouco depois das sete fui ter com o Papá e a Mamã, e depois fui para a sala de estar, para abrir os meus presentes, e *tu* foste a primeira coisa que vi, talvez um dos meus presentes mais bonitos. Depois ganhei um ramo de rosas, algumas peónias e uma planta num vaso. Do Papá e da Mamã recebi uma blusa azul, um jogo, uma garrafa de sumo de uva, que, na minha ideia, sabe um pouco a vinho (afinal de contas, o vinho é feito de uvas), um *puzzle,* um frasco de creme de dia, 2,50 florins e um vale-prenda de dois livros. Recebi também outro livro, *Camera Obscura* (mas Margot já o tinha, por isso troquei o meu por outra coisa), uma travessa de biscoitos caseiros (que eu própria fiz, claro, uma vez que me tornei numa grande especialista em biscoitos), muitos doces e uma tarte de morango da Mamã. E uma carta da Avó, mesmo a tempo, mas claro que isso foi apenas coincidência.

Depois Hanneli veio buscar-me e fomos para a escola. Durante o recreio ofereci biscoitos aos meus professores e aos meus colegas de turma, e depois tive de voltar ao trabalho. Só cheguei a casa às cinco, uma vez que

fui ao ginásio com o resto da turma (não posso participar porque os meus ombros e ancas têm tendência para se deslocarem). Como era o meu aniversário, tive direito a decidir que jogo jogariam os meus colegas, e escolhi voleibol. Depois dançaram todos à minha volta numa roda e cantaram os «Parabéns a Você». Quando cheguei a casa, Sanne Ledermann já lá estava. Ilse Wagner, Hanneli Goslar e Jacqueline van Maarsen vieram comigo para casa depois do ginásio, uma vez que somos da mesma turma. Hanneli e Sanne eram as minhas duas melhores amigas. As pessoas que nos viam juntas costumavam dizer: «Lá vão Anne, Hanne e Sanne.» Só conheci Jacqueline van Maarsen quando comecei a frequentar o Liceu Judaico, e agora é ela a minha melhor amiga. Ilse é a melhor amiga de Hanneli, e Sanne frequenta outra escola e tem amigas lá.

Ofereceram-me um lindo livro, *Sagas e Lendas Holandesas,* mas por engano deram-me o volume II, por isso troquei dois outros livros pelo volume I. A Tia Helene trouxe-me um *puzzle,* a Tia Stephanie um broche adorável e a Tia Leny um livro fantástico: *Daisy Vai às Montanhas.*

Esta manhã, deitada na banheira, pensei como seria maravilhoso se tivesse um cão como *Rin Tin Tin*. Chamar-lhe-ia também *Rin Tin Tin* e levá-lo-ia para a escola comigo, onde podia ficar na sala do porteiro ou, quando o tempo estivesse bom, ao pé dos suportes das bicicletas.

SEGUNDA, 15 DE JUNHO DE 1942

A minha festa de aniversário foi no domingo à tarde. O filme do *Rin Tin Tin* fez um grande sucesso junto das minhas colegas. Recebi dois broches, um marcador de livros e dois livros.

Começarei por dizer algumas coisas sobre a minha escola e a minha turma, começando pelos alunos.

Betty Bloemendaal parece bastante pobre, e acho que provavelmente é mesmo. Vive numa rua obscura em Amesterdão Oeste e nenhum de nós sabe onde é. É muito boa aluna, mas apenas porque trabalha muito, não por ser muito inteligente. É bastante sossegada.

Jacqueline van Maarsen é, supostamente, a minha melhor amiga, mas nunca tive uma verdadeira amiga. Ao princípio pensei que Jacque o seria, mas estava muito enganada.

D.Q.[1] é uma rapariga muito nervosa que está sempre a esquecer-se das coisas, pelo que os professores estão sempre a mandar-lhe trabalhos de casa extra, como castigo. É muito simpática, especialmente com G.Z.

E.S. fala tanto que perde a graça. Está sempre a tocar-nos no cabelo ou a mexer-nos nos botões quando nos pergunta qualquer coisa. Dizem que ela não me suporta, mas não me importo, uma vez que também não gosto muito dela.

Henny Mets é uma rapariga simpática e bem-disposta, mas fala muito alto e é verdadeiramente infantil quando estamos a brincar no recreio. Infelizmente, Henny tem uma amiga chamada Beppy que exerce uma má influência sobre ela, pois é suja e vulgar.

[1] Foram atribuídas iniciais ao acaso às pessoas que preferem permanecer anónimas.

J.R. — podia escrever um livro inteiro sobre ela. J. é uma coscuvilheira detestável, dissimulada, presumida e hipócrita, que pensa que é muito crescida. Jacque está enfeitiçada por ela, o que é uma pena. J. ofende-se facilmente, irrompe em lágrimas à mais pequena coisa e, para além de tudo isto, é uma exibicionista terrível. A Menina J. tem sempre de ter razão. É muito rica e tem um armário cheio de vestidos amorosos, que são demasiado adultos para ela. Pensa que é maravilhosa, mas não é. J. e eu não nos suportamos.

Ilse Wagner é uma rapariga simpática e bem-disposta, mas é extremamente miudinha e consegue passar horas a gemer e a resmungar sobre qualquer coisa. Ilse gosta muito de mim. É muito esperta, mas preguiçosa.

Hanneli Goslar, ou Lies, como lhe chamam na escola, é um pouco estranha. É geralmente tímida — franca em casa mas reservada na companhia de outras pessoas. Conta à mãe tudo o que lhe dizemos. Mas diz o que pensa, e ultimamente comecei a apreciá-la bastante.

Nannie van Praag-Sigaar é pequena, engraçada e sensata. Acho-a simpática. É bastante esperta. Não há muito mais que se possa dizer sobre Nannie.

Eefje de Jong é, na minha opinião, extraordinária. Embora tenha apenas doze anos, é uma senhora. Age como se eu fosse um bebé. É também muito prestável, e gosto dela.

G.Z. é a rapariga mais bonita da nossa turma. Tem um rosto bonito, mas é um pouco burra. Acho que vai reprovar este ano, mas claro que não lho disse.

COMENTÁRIO ACRESCENTADO POR ANNE NUMA DATA POSTERIOR:

Para minha grande surpresa, G.Z. afinal de contas não reprovou.

E, sentada ao lado de G.Z., está a última das doze raparigas, eu.

Há muito para dizer sobre os rapazes, ou, bem vistas as coisas, talvez nem tanto como isso.

Maurice Coster é um dos meus muitos admiradores, mas é bastante chato.

Sallie Springer tem uma mente porca e consta que já foi até ao fim!… No entanto, acho-o formidável, porque é muito engraçado.

Emiel Bonewit é admirador de G.Z., mas ela não lhe liga. É bastante enfadonho.

Rob Cohen também esteve apaixonado por mim, mas já não o consigo suportar. É um pateta odioso, hipócrita, mentiroso e afetado, que tem uma opinião terrivelmente elevada de si próprio.

Max van de Velde é um rapaz do campo, de Medemblik, mas um tipo decente, como diria Margot.

Herman Koopman também tem uma mente porca, tal como Jopie de Beer, que é um conquistador terrível e completamente maluco por raparigas.

Leo Blom é o melhor amigo de Jopie de Beer, mas foi arruinado pela sua mente suja.

Albert de Mesquita veio da Escola Montessori e saltou um ano. É muito inteligente.

Leo Slager veio da mesma escola, mas não é tão inteligente.

Ru Stoppelmon é um rapaz baixo e palerma, de Almelo, que foi transferido para esta escola a meio do ano.

C.N. faz tudo aquilo que é suposto não fazer.

Jacques Kocernoot senta-se atrás de nós, ao lado de C., e nós (G. e eu) rimos que nem umas perdidas com ele.

Harry Schaap é o rapaz mais decente da nossa turma. É simpático.

Werner Joseph também é simpático, mas todas as mudanças que têm ocorrido ultimamente tornaram-no demasiado calado, pelo que parece ser enfadonho.

Sam Salomon é um daqueles rapazes duros do outro lado da linha do comboio. Um verdadeiro fedelho (admirador!).

Appie Riem é bastante ortodoxo, mas também é um fedelho.

SÁBADO, 20 DE JUNHO DE 1942

Escrever um diário é uma experiência realmente estranha para uma pessoa como eu. Não só porque nunca escrevi nada antes, mas também porque me parece que, mais tarde, nem eu nem ninguém estará interessado nos devaneios de uma rapariga de treze anos. Oh, enfim, não importa. Apetece-me escrever, e tenho uma necessidade ainda maior de desabafar todo o tipo de coisas.

«O papel tem mais paciência do que as pessoas.» Pensei neste ditado num daqueles dias em que me estava a sentir um pouco deprimida, e estava sentada com o queixo apoiado nas mãos, aborrecida e apática, tentando decidir se devia ficar em casa ou sair. Acabei por ficar onde estava, melancólica. Sim, o papel tem realmente mais paciência e, uma vez que não estou a pensar deixar mais ninguém ler este caderno de capa dura a que me refiro grandiosamente como «diário», a menos que alguma vez encontre um verdadeiro amigo, provavelmente não fará qualquer diferença.

Agora estou de volta ao ponto que me levou a ter um diário: não tenho um amigo.

Deixa-me explicar melhor, uma vez que ninguém acreditará que uma rapariga de treze anos esteja completamente sozinha no mundo. E não estou. Tenho uns pais amorosos e uma irmã de dezasseis anos, e há cerca de trinta pessoas a quem posso chamar amigos. Tenho um monte de admiradores que não conseguem tirar os olhos de cima de mim e que, por vezes, têm de recorrer ao uso de um espelho de bolso para conseguirem apanhar um vislumbre meu na sala de aula. Tenho uma família, tias amorosas e um bom lar. Não, aparentemente tenho tudo, exceto um único amigo verdadeiro. Quando estou com amigos só penso em

me divertir. Não consigo falar de mais nada, a não ser das coisas vulgares do dia a dia. Parece que não conseguimos aproximar-nos mais, e o problema é esse. Talvez seja por culpa minha que não confiamos uns nos outros. De qualquer maneira, é assim que as coisas são, e infelizmente não é provável que mudem. Foi por isso que comecei este diário.

Para definir a imagem deste amigo há muito esperado na minha imaginação, não quero simplesmente apontar os factos neste diário como a maioria das pessoas faria, mas quero que o diário seja como uma amiga, e vou chamar a essa amiga *Kitty*.

Uma vez que ninguém compreenderia uma palavra das minhas histórias para Kitty se me lançasse já de cabeça, é melhor fornecer um breve resumo da minha vida, por mais que isso me desagrade.

O meu pai, o pai mais adorável que alguma vez vi, só casou com a minha mãe quando ele já tinha trinta e seis anos e ela vinte e cinco. A minha irmã Margot nasceu em Frankfurt am Main, na Alemanha, em 1926. Eu nasci a 12 de junho de 1929. Vivi em Frankfurt até aos quatro anos. Por sermos judeus, o meu pai emigrou para a Holanda em 1933, quando se tornou diretor-geral da Companhia Opekta Holandesa, que fabrica produtos usados para fazer compotas. A minha mãe, Edith Holländer Frank, veio com ele para a Holanda em setembro, enquanto Margot e eu fomos enviadas para Aachen, onde ficámos com a nossa avó. Margot veio para a Holanda em dezembro, e eu segui-a em fevereiro, quando me puseram em cima da mesa, como presente de aniversário para Margot.

Entrei imediatamente no jardim de infância Montessori. Fiquei lá até aos seis anos, altura em que entrei para o primeiro ano. No sexto ano, a minha professora era a Sr.ª Kuperus, a diretora. No final do ano chorámos ambas enquanto nos despedíamos, de coração partido, pois eu fora aceite no Liceu Judaico, onde Margot também andava.

As nossas vidas não foram isentas de ansiedade, uma vez que os nossos familiares na Alemanha estavam a sofrer sob as leis antijudeus de Hitler. Depois dos *pogroms* em 1938, os meus dois tios (irmãos da minha mãe) fugiram da Alemanha, encontrando um refúgio seguro na América do Norte. A minha avó veio viver connosco. Tinha setenta e três anos na altura.

Depois de maio de 1940, os bons tempos foram poucos e muito afastados: primeiro houve a guerra, depois a capitulação e a seguir a chegada dos alemães, altura em que começaram os problemas para os judeus. A nossa liberdade foi severamente restringida por uma série de decretos antijudeus: os judeus tinham de usar uma estrela amarela; os judeus tinham de entregar as suas bicicletas; os judeus estavam proibidos de usar os elétricos; os judeus estavam proibidos de andar de carro, mesmo no seu próprio carro; os judeus tinham de fazer as suas compras entre as três e as cinco da tarde; os judeus tinham de frequentar apenas barbearias e cabeleireiros de propriedade judaica; os judeus estavam proibidos de andar na rua entre as oito da noite e as seis da manhã; os judeus estavam proibidos de ir aos teatros, cinemas ou qualquer outra forma de entretenimento; os judeus estavam proibidos de usar piscinas, campos de ténis, campos de hóquei ou quaisquer outros campos desportivos; os judeus estavam proibidos de praticar remo; os judeus estavam proibidos de participar em qualquer atividade desportiva em público; os judeus estavam proibidos de se sentarem nos seus jardins ou nos jardins dos seus amigos depois das oito da noite; os judeus estavam proibidos de visitar as casas de cristãos; os judeus tinham de frequentar escolas judaicas, etc. Não se podia fazer isto e não se podia fazer aquilo, mas a vida continuava. Jacque costumava dizer-me: «Já não me atrevo a fazer seja o que for, pois tenho medo de que seja proibido.»

No verão de 1941, a avó adoeceu e teve de ser operada, por isso o meu aniversário passou-se com poucas celebrações. No verão de 1940 também não fizemos grande coisa no meu aniversário, uma vez que a guerra tinha começado na Holanda. A avó morreu em janeiro de 1942. Ninguém imagina como me lembro frequentemente dela e como ainda a amo. Esta celebração do meu aniversário em 1942 pretendeu compensar-me das outras, e a vela da avó foi acesa juntamente com as restantes.

Nós os quatro ainda estamos bem, e assim chegamos à data presente de 20 de junho de 1942, e à dedicação solene do meu diário.